

OS NOMES DELES

Entrou no hall suntuoso do prédio situado na Avenida Infante Dom Henrique e ficou imaginando quando custaria um apartamento ali. As escadas de granito, o lustre de cristais e os espelhos bisotados davam um ar suntuoso ao ambiente. Deixou de lado o esforço para estimar o preço, porque lembrou que aquilo não “era para o seu bico” e se sentiu aliviada de ter arrumado algum trabalho, depois de três meses, desde que fora demitida do Bradesco.

Sentiu-se constrangida de ter que dar tantas explicações ao zelador, mas, por fim, após o contato pelo interfone, ele autorizou que ela subisse pelo elevador principal. Quando chegou ao 12º andar, Dona Olívia já estava esperando com a porta aberta e, logo atrás de seu corpanzil, estava Jonny. Simpatizou com ele, cujos olhos pediam atenção. Era como se ele já soubesse que ela chegaria, trazendo-lhe a chance de ganhar o mundo da rua.

Pôs-se a imaginar a idade dela – 70 anos, talvez 80, afinal gente rica envelhece menos. Percebeu que ele também a observava e lamentou não ter vindo mais bem arrumada. Combinou que voltaria dentro de duas horas. Desceu com ele, atravessou a primeira parte da avenida, aproveitando o semáforo verde para pedestres e, em seguida, a segunda, por meio da passarela que levava até a área do Aterro do Flamengo, cujos jardins haviam sido tão lindamente pensados por Burle Marx. Buscou na memória quando e onde aprendeu isso e logo largou de lado a procura inútil, para apreciar o maravilhoso paisagismo, o sol que tornava o verde mais verde, as bicicletas que ziguezagueavam, as pessoas que caminhavam sem pressa e os barcos, quase todos brancos, ancorados na Marina da Glória, esperando calmamente o final de semana. Ao longe, pôde ver a Igreja da Glória, no outeiro de mesmo nome, e ficou se perguntando se seria do século XVII, XVIII ou XIX, sem chegar a qualquer conclusão, porque nada conhecia de história da arquitetura e da vida urbana carioca. Mais tarde procuraria no Google. Santo Google!

Jonny estava agitado, queria correr, afastar-se do banco onde ela se sentara e onde desejava permanecer apenas apreciando a paisagem e agradecendo por não estar mais no ar condicionado do banco, vestindo saia justa e sapato de salto, o que era recomendado a todas as funcionárias pelo gerente barrigudo e chato. Nunca foi vaidosa e com a passagem dos anos, a silhueta perdia o perfil esbelto que caracterizava a família de seu pai, para ganhar o jeitão mais arredondado das italianas da família de sua mãe. Preferia, assim, andar de calça de moletom, camiseta e tênis, o que estava apropriado ao seu novo trabalho.

Pensando em trabalho, lembrou que precisava arrumar outros fregueses, pois apenas o que Dona Olívia lhe pagaria, ao final de mês, não chegaria nem para cobrir um terço da parte que lhe cabia no aluguel de um quarto e sala, em Copacabana, compartilhado com sua prima, desde que decidira morar na zona sul, deixando a vida do subúrbio. Tirou a caderneta do bolso e resolveu telefonar para tentar arrumar mais trabalho, a partir da listinha que tinha obtido com as indicações de sua tia, que era manicure a domicílio e

conseguiu arrolar potenciais clientes para ela. A quantidade de créditos no seu celular não seria suficiente para muita coisa, mas começou pelo número do Senhor Alcides. Ele atendeu e não parecia tão amigável como Dona Olívia, mas disse que precisaria sim dos seus serviços, pedindo-lhe que fosse até o apartamento dele, no dia seguinte, por volta de 10h, para conhecer Brigitte.

Animou-se e ia tentar o segundo número da lista, quando Jonny novamente reclamou, pedindo mais liberdade para correr pelo gramado verde já todo aparado para os Jogos Olímpicos que começariam daí a quatro semanas.

Resolveu levantar e viu que teria que andar bastante neste novo trabalho, o que poderia ajudar a perder parte do seu sobrepeso, ou ainda melhor, garantir-lhe o direito de comer três pedaços de bolo de chocolate e não apenas dois, no começo da noite, como gostava de fazer acompanhando a novela das seis que, de fato, só começava às 18h30. Éta mundo bom!

Começou a suar, pois Jonny corria e era preciso apertar o passo para lhe acompanhar. Ficou imaginando como seria Brigitte (ou seria Brigitte?) e desejou que fosse mais delicada e tranquila que ele.

Passou pelo prédio do Museu de Arte Moderna, cercado por palmeiras imperiais e por outras com caules mais largos e folhas em leque. Lembrou-se das que via, nos filmes rodados em Miami, tão típicos da Sessão da Tarde, da qual ficara freguesa desde que perdera o emprego.

Adiante estava o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Começou a observar a escultura. Passava todos os dias de ônibus por ali, indo para o banco, mas nunca tinha prestado atenção nela. Chamou Jonny e foi chegando mais perto para ler, na plaquinha de bronze, o nome de seu autor – Alfredo Ceschiatti. Admirou os três homens, representando o Exército, a Marinha e a Aeronáutica. Eram altivos e simpatizou mais com o aviador.

Olhou, depois, para o soldado de plantão, que guardava o monumento. Este era um homem de verdade, nada imponente como os da escultura, e, em pouco tempo, viu que ele não conseguia ficar tão insolitamente imóvel como os do Palácio de Buckingham, mas também não fazia mal, pois o Brasil não é a Inglaterra...

Pôs-se a imaginar se o soldado era casado ou não, se morava na Baixada Fluminense, se tinha filhos ou cachorro. Se tivesse, é provável que se chamassem Totó ou Fifi, como muitos cães eram chamados no Méier, onde passou sua infância. Também era provável que o soldado nunca fosse precisar de seus trabalhos, afinal pobre não contrata passeador de cachorros e nem dá a eles nome de gente como Jonny ou Brigitte. Ou será que já estão também com esta mania?

Carminha Beltrão

Julho de 2017